



STEVEN SANTOS
gestor do BiG – Banco
de Investimento Global

Trunfos da China na guerra comercial com Trump

A guerra comercial entre os EUA e a China tem vindo a agravar-se, sobretudo depois de a administração Trump ter adicionado a Huawei à lista negra, dificultando seriamente as relações com empresas norte-americanas. Em reação, a Google suspendeu negócios com a Huawei que envolvam a transferência de hardware e software, o que significa que a empresa chinesa perderá acesso à loja Play Store e às atualizações do popular sistema operativo Android, além de que deixará de contar com o apoio técnico da Google. Também a fabricante alemã de semicondutores Infineon suspendeu as entregas à Huawei. Embora o choque inicial seja negativo devido ao aumento da incerteza, esta medida de Trump deverá incentivar o investimento e aumentar a procura por produtos de empresas norte-americanas, ao surgir a necessidade urgente de substituir uma parte das telecomunicações usadas pelas empresas e pelos consumidores. A demora nas negociações comerciais tem aumentado a hostilidade de Trump. Note-se que ambos os blocos têm diferentes visões e perspectivas temporais: Trump está focado em obter rapidamente um acordo benéfico que possa exibir durante a próxima campanha presidencial, enquanto a China planeia a economia a muito longo prazo. Prova disso é que a China emitiu, em maio de 2015, um plano estratégico chamado “Made in China 2025”, cujo objetivo a dez anos é a China afastar-se da produção de bens baratos e de baixa

qualidade e voltar-se para bens e serviços de elevado valor acrescentado. Estes bens incluem setores que estão a ser atacados por Trump, como o da tecnologia e da robótica.

Contudo, a China tem trunfos importantes na manga. No jornal “Global Times”, gerido pelo Partido Comunista Chinês, o professor universitário Jin Canrong avançou com três trunfos que a China poderá usar para ripostar. O primeiro deles é, na minha opinião, o mais importante: a China poderá suspender as exportações de metais raros para o EUA. Estes metais são essenciais para a produção de diversos bens, como os chips, os ecrãs das televisões e dos computadores e as turbinas eólicas, e a China é responsável por 80% da oferta mundial, pelo que a suspensão das exportações afetaria gravemente a próspera indústria norte-americana de chips. Curiosamente, a China é a principal cliente dos chips norte-americanos, porém, a falta de chips de última geração teria apenas como consequência uma menor atualização industrial chinesa e seria um incentivo para a China desenvolver a sua própria tecnologia.

Os EUA possuem reservas de metais raros. Aliás, foram o maior produtor mundial entre os anos 60 e 80, recorrendo a uma única mina na Califórnia, chamada Mountain Pass. Porém, a entrada da China neste mercado nos anos 90 e os seus baixos custos laborais levaram a perdas na mina Mountain Pass,

que fechou em 2002. Para recuperar a indústria de metais raros, os EUA precisariam de vários anos de investimento, até porque são metais difíceis de extrair e muito poluentes. O VanEck Vectors Rare Earth/Strategic Metals ETF, que abrange 20 empresas mineiras, tem sido pressionado desde o início da guerra comercial. Como mostra o gráfico, o ETF está atualmente a retestar uma linha de tendência ascendente de longo prazo. O segundo trunfo é a dívida pública norte-americana. A China detém mais de mil milhões em obrigações norte-americanas, contribuindo para a estabilização da economia norte-americana ao comprar enormes quantidades de Treasuries durante a crise financeira de 2008. Se a China decidisse vender uma parte relevante das Treasuries e realocasse as reservas do banco central para o ouro, à

semelhança do que a Rússia fez em 2018, os custos de financiamento dos EUA poderiam disparar. Embora este cenário seja improvável, um aumento das taxas de juro poderia ser muito prejudicial para a economia norte-americana, que está altamente endividada.

O terceiro trunfo são eventuais retaliações contra as empresas norte-americanas presentes na China, que se estabeleceram pouco depois da abertura da China ao mundo e que geram lucros substanciais, mais altos até do que as empresas chinesas presentes nos EUA.

É inegável que a China deveria abrir-se mais em setores como a banca, os seguros e os media e respeitar mais os direitos de propriedade intelectual e o comércio livre. No entanto, isso não legitima o protecionismo e a postura agressiva por parte dos EUA.

